

semmais

REVISTA MENSAL DE INFORMAÇÃO GENERALISTA DIRIGIDA A **TODO O ALENTEJO**

tema de capa

Viragem extrema?

Atípica votação no Alentejo
pág.8



+ **Figueira Mendes,**
presidente de Grândola
em entrevista
pág.36

+ **Batalha na “Rainha
da fronteira” que
defendeu Portugal**
pág.48

+ **Embaixador do
Alentejo, o Museu que
ainda marca os tempos**
pág.58

MILHARES DE PEÇAS DE RELOJOARIA MECÂNICA FAZEM FUROR MUNDIAL

Tempo contado no Museu do Relógio

É um museu que não vende nada, apesar das propostas que surgem de todo o mundo mercê do valor do acervo, repleto de peças únicas. A sede é em Serpa e tem um polo em Évora. O Museu do Relógio assume-se como um embaixador do Alentejo.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR

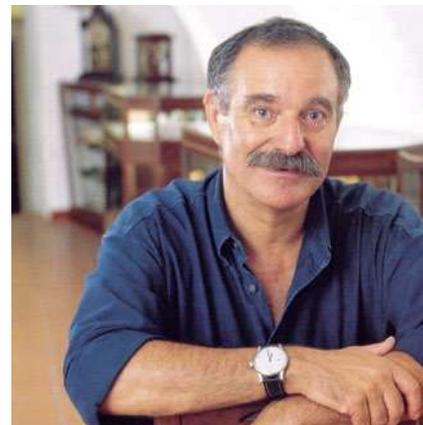


O tempo passa, mas não se esquece. Na cidade de Serpa um antigo convento de freiras deu, há 25 anos, origem a um dos mais importantes e imponentes museus do país. É o Museu do Relógio, que apresenta um acervo de elevado valor patrimonial e histórico. Um museu diferente, que não tem apoios públicos, mas que atrai por ano milhares de visitantes que dinamizam a economia local e que coloca o Alentejo na rota dos maiores peritos da relojoaria mundial.

Eugénio Tavares d'Almeida é o diretor e conduz a Semmais por uma visita imaginária pelas 46 divisões do Convento do Mosteirinho, um edifício do século XVII que, até 1836, albergou uma comunidade de religiosas. Depois, a família comprou o edifício e anos mais tarde o seu pai, António Tavares d'Almeida, acabou

por se tornar o único dono, dando então início a uma coleção que hoje reúne cerca de 2900 peças, todas mecânicas.

“Começou tudo em 1972, com uma herança de três relógios de bolso. O meu pai, que era engenheiro mecânico, ficou com eles e depressa se interessou pelo seu funcionamento. Depois, porque por motivos profissionais era uma pessoa muito viajada, acabou por ir adquirindo sempre mais e mais peças. Em meados da década de 1980 já tinha mais de 600 relógios de bolso e de parede”, conta o atual diretor, lembrando que nessa época, apesar do acervo recolhido já ser de grande dimensão e de qualidade reconhecida, ainda não havia mostras públicas. “Faziam-se exposições temporárias em bascos, instituições, empresas, mas não existia o museu”, explica.



Raízes impedem deslocalização

A expressão atingida pelo Museu do Relógio de Serpa fez, com desde há muito, surgissem interessados em deslocalizar o mesmo para outros locais do país. Eugénio d'Almeida conta que surgiram propostas para que o espaço se instalasse “em Cascais, Vila Nova de Gaia, Porto, Braga, Vila de Rei, Funchal... Nunca aceitámos. É um cartão de visita de Serpa e do Alentejo. Faz parte da identidade alentejana”, diz. Foi para valorizar a região que o fundador aceitou, em 2011, por sugestão da Fundação Inatel, abrir um polo do museu em Évora. “A inauguração foi a 15 de dezembro desse ano e numa altura em que o meu pai já estava gravemente doente. Com muito sacrifício conseguiu estar presente na cerimónia de abertura do polo, que está instalado no Palácio do Barrocal, na Praça do Giraldo, e alguns dias depois faleceu”, conta Eugénio d'Almeida, lembrando que esta estrutura museológica foi, em 2019, a segunda mais visitada entre as muitas existentes na cidade.





Restauros “a favor” e visitas de todas as partes do mundo

A passagem real do Convento do Mosteirinho a museu ocorre em 1995, depois de António Tavares d’Almeida ter passado 14 anos a recuperar o edifício. “Quando em abril se procedeu à abertura, já havia cerca de 700 peças para exposição”, afirma.

A princípio eram cinco salas onde, para além de se mostrar o espólio proveniente de todo o mundo, também se efetuavam pesquisas e a manutenção dos relógios. “Era uma altura em que o museu era completamente auto sustentável, não recebendo apoios financeiros de nenhuma entidade, mas funcionando como um verdadeiro cartão de visita para Serpa e para esta zona do Alentejo”, diz Eugénio d’Almeida.

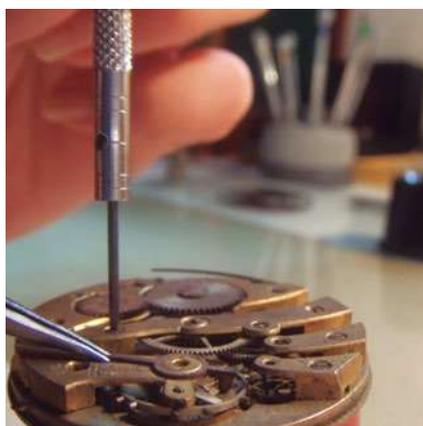
“Desde aí e até hoje, o Museu do Relógio tem sido um autêntico dinamizador de Serpa e da microeconomia. As pessoas chegam individualmente ou em excursões e acabam por gerar um apreciável fluxo turístico, porque não visitam apenas este espaço, antes percorrendo toda a cidade e movimentando todo o setor económico, seja através dos restaurantes, das lojas de artesanato ou outros estabelecimentos”, alega.

Os visitantes são provenientes de todo o país e são eles, conforme conta Eugénio d’Almeida, que acabam por gerar uma outra importan-

te dinâmica do espaço museológico. “Muitos procuram reparar peças. Sabem que temos uma equipa de mestres relojoeiros capaz de recuperar muitos relógios antigos e de valor. Devido a esta crescente procura, e porque, entretanto, reunimos uma lista grande de relojoeiros espalhados pelo país, decidimos começar a fazer o que denominamos de ‘restauros de favor’. Atualmente os nossos cinco relojoeiros fazem uma média anual de 1000 relógios”.

O êxito desta iniciativa é tal que, diz ainda o mesmo responsável, quase todas as semanas chegam peças para ser restauradas, não só de Portugal, mas também da Europa, sobretudo de Espanha, país de onde são provenientes também grande parte dos 25 a 30 mil visitantes anuais (a exceção é, naturalmente, o ano transato, com as quebras de visitantes a atingirem 89%).

“A visibilidade do museu passa, para além da promoção que é feita pela câmara, através da distribuição de brochuras a autarquias, dioceses e instituições diversas, pela grande divulgação efetuada pelos visitantes nas redes sociais. Tem sido isso que faz com que tenhamos sempre contactos e visitas de países como a Holanda, a Inglaterra, a Noruega, a Suécia, o Brasil ou os Estados Unidos”, refere.



Peça criada pelo relojoeiro da casa real inglesa no acervo

A Museu do Relógio de Serpa orgulha-se de possuir um dos dois relógios de centro de mesa fabricados no século XVII pelo relojoeiro da casa real inglesa Edward East. É uma peça única, sendo que é desconhecido o paradeiro do segundo exemplar ou se o mesmo ainda existe. O que é um facto é que funciona na perfeição, tal como todos os restantes relógios que ali se encontram expostos, e devido à sua raridade e qualidade constitui o principal atractivo do espaço.

“É um relógio que assinala os quartos, as meias e as horas que até já tinha despertador. Depois, tem uma qualidade de mão de obra imensa, tudo talhado à mão”, conta o diretor e curador do museu. Esta peça terá chegado a Portugal por altura das invasões francesas. Depois, talvez para que as tropas de Napoleão não lhe deitassem a mão, acabou por viajar para longe, sendo resgatado pela família atual proprietária

numa casa de leilões em Macau.

Eugénio d’Almeida afirma que esta peça já despertou, naturalmente, a cobiça de muitos colecionadores do mundo. “O Museu do Relógio nunca vendeu uma peça e assim deverá continuar a ser. Já uma vez estiveram aqui em Serpa cinco representantes do Metropolitan Art, de Nova Iorque, que disseram claramente que ‘o lugar deste relógio não é aqui, mas nos Estados Unidos’, mas nós não vendemos. Esta peça é um dinossauro da relojoaria e, juntamente com muitas outras, coloca o Alentejo no mapa, que é um dos nossos objetivos”.

A venda de peças para financiar o espaço seria, até, uma solução que muito jeito daria ao diretor, que, no entanto, rejeita a possibilidade. O atual momento, em que não há receitas, mas apenas despesas (rendas, trabalhos de manutenção ordenados para os oito funcionários, etc) deixa o normal funcionamento em causa. “Não sabemos se, daqui por uns meses, poderemos continuar sem efetuar despedimentos. Há cerca de duas semanas deixámos de comprar uma peça, por 8.000 a 9.000 euros, porque não temos uma entidade que, através de uma parceria, se disponha a fazer uma permuta com o museu”, conclui. ■

